



# IMAGE VIRTUAL

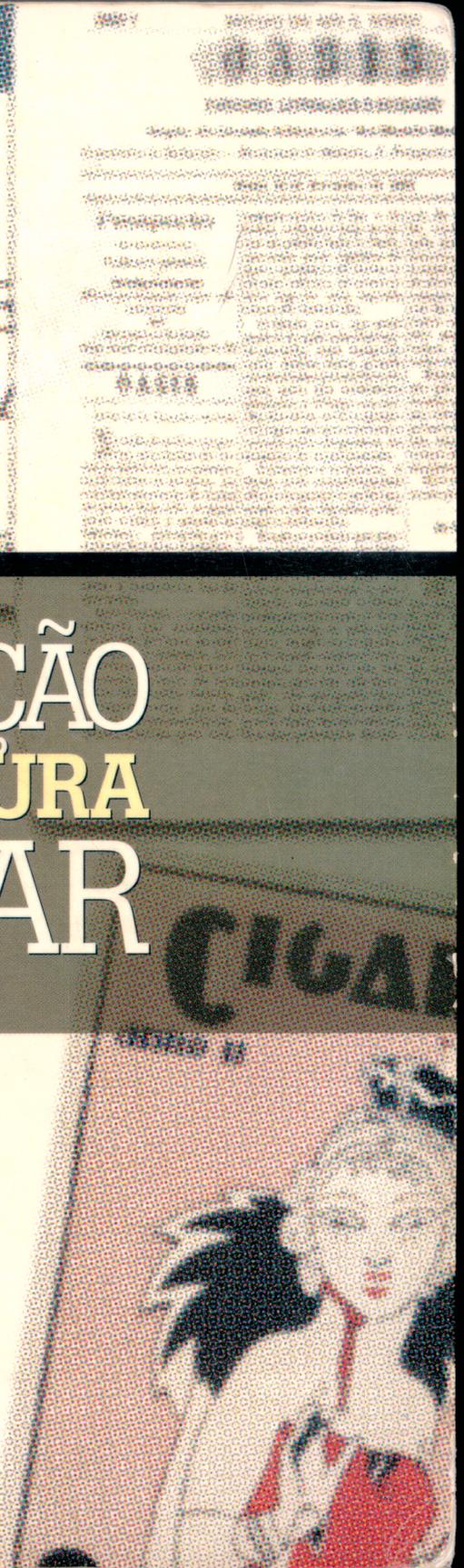
# INFORMAÇÃO DA LITERATURA POTIGUAR



# VERSOS



> TARCÍSIO GURGEL <



# CIGAR

Capa e Projeto Gráfico:  
Mariz Comunicação Integrada

Editora:  
**Argos** - Av. Senador Salgado Filho, 2850  
Loja 5, Lagoa Nova, CEP: 59063-100  
Natal/RN, Fone: (84) 206.9099

Catálogo da publicação. UFRN/Biblioteca Central "Zila Mamede"  
Divisão de Serviços Técnicos

Gurgel, Tarcísio  
Informação da literatura potiguar / Tarcísio Gurgel dos Santos.  
\_ Natal (RN): Argos, 2001.  
364 p.

1. Literatura Norte-riograndense. 2. Literatura - História - Rio  
Grande do Norte. I. Título.

RN/ UF/ BCZM

CDU 821.134.3 (813.2)  
CDD B869

# APRESENTAÇÃO

Não tenho qualquer dúvida de que foi o meu irmão, Deífilo Gurgel, o responsável por eu haver um dia me interessado pela produção literária de nossos autores e, logo-logo, por uma coisa tão vaga (e, durante tanto tempo, tão imprecisa, para mim), a Literatura Potiguar. Difícil é precisar quando tal aconteceu: teria sido na infância, quando chegavam a Mossoró os ecos dos seus primeiros poemas que Veríssimo de Melo, depois Antonio Pinto, publicavam nos jornais da capital? Ou talvez no começo dos sessenta, o adolescente amador do legendário Teatro Escola de Amadores de Mossoró, circulando entre fantásticas figuras da corte literária, num certo festival de escritores? Na fascinante descoberta da Coleção Jorge Fernandes? Ou quando conheci, em carne-e-osso e cordialidade, os autores, nela incluídos? Ou, quem sabe, ao ouvir, na casa do mesmo Deífilo, uma gravação em acetato, (iniciativa rigorosamente pioneira no RN e certamente a menor tiragem do mundo: um único disco) ele declamando poetas que amava - Jorge, Auta, Itajubá, Othoniel - e alguns dos da mencionada Coleção? Não teria sido, afinal, quando passei a surrupiar-lhe, com sua fraternal e bem-humorada anuência, os títulos que começaram a formar meu próprio acervo de literatura do Rio Grande do Norte?

Na verdade não importa o *quando* se o *como* foi se intensificando, de modo irreversível, sequer contando a estranheza de certos colegas da academia, que por vezes não escondiam sua impaciência diante do fato de, uma vez pós-graduado numa instituição como a PUC do Rio, (suposto detentor de um novo discurso, título de Mestre obtido) eu viesse a eleger como campo de interesse a literatura local.

O certo é que hoje, passados tantos anos, desde que comecei, posso olhar para trás, sentindo-me verdadeiramente gratificado. Tanto mais que, ao longo da minha vida como professor da UFRN, constato que se verifica uma mudança de atitude em relação a nossa literatura e até já são muitos os colegas professores que não apenas a estudam, como vêm se destacando na condição de seus produtores. Face a isto, é maior a minha alegria quando penso neste livro, também, como resultado de um esforço tendo em vista o preenchimento de uma lacuna. Ou seja: possível resposta, aos apelos dos alunos que, surpreendidos com os autores que estudávamos, há muito me cobravam algo mais abrangente e duradouro que a simples informação ministrada em sala de aula.



Um livro desta natureza, bem sucedido, ou não o intento do seu autor, deve servir quanto mais não seja, como roteiro de experiência para os seus possíveis leitores. Assim, gostaria de falar da sua estrutura e dos passos dados até chegar aqui.

É fácil ver que não se trata de uma História Literária convencional, embora se considere o ano de 1998 como limite da pesquisa. Não tive preocupação rigorosa com questões como periodização, estilos de época, cronologias. Certamente influenciado por meu próprio estilo como professor e minhas veleidades de ficcionista, decidi-me a deixar fluir a narrativa dos fatos, procurando destacar os que, ao meu juízo, tornaram-se relevantes em paralelo às melhores produções dos autores estudados. Mas, não abri mão de uma postura crítica, diante do objeto a ser estudado. Assim, o leitor poderá entender porque é impossível dissociar, em determinados momentos, sobretudo no começo do século, a criação literária da política. Também será fácil entender porque dei ênfase, (talvez menor do que mereceria) à contribuição de Câmara Cascudo a nossa vida literária e mesmo à história de nossa literatura. E porque decidi agrupar períodos mais recentes, sob a égide de movimentos culturais que marcaram, ou pela contribuição editorial do conjunto de escritores (aquele em que é lançada a Coleção Jorge Fernandes, por exemplo), ou pela mudança, digamos ideológica, do produtor literário.

Considerarei, como ficou dito, o ano de 1998 como limite para a presente edição, o que explica a não inclusão de títulos e autores a partir do ano seguinte. Para falar de toda essa produção, utilizei de modo abrangente os conceitos de Poesia e Prosa mas, nesta, fundamentalmente, os gêneros – se assim podemos classificá-los – Romance, Conto, Memória e Crônica. Não me aventurei a considerar a Dramaturgia, a Epistolografia, o Ensaio, a Oratória. São temas para serem estudados mais adiante. Tentei aproveitar o melhor possível, didaticamente falando, o material trabalhado, acrescentando ao texto histórico-crítico uma iconografia revelando muitas imagens inéditas, antologias de Poesia e Prosa, as quais, por injunções de ordem editorial contêm apenas parte dos autores analisados. Se não foi possível oferecer amostra das obras de todos tive o cuidado de publicar as selecionadas precedidas de sínteses biográficas de cada autor. Há, ainda, um Índice Onomástico, a fim de facilitar consultas além, é claro, da Bibliografia. Esta última, certamente limitada pelas dificuldades de informações: obras que não foram localizadas, procedimentos editoriais incompletos, etc.

[15]

Sei que haverá discordâncias quanto ao juízo de valor e critérios por mim empregados para a definição de autores, muitos já estudados por aqueles que têm se ocupado da literatura do Rio Grande do Norte. O que fazer? Para mim, está mais do que evidente, que estou seguro ao considerar potiguar a contribuição literária da autora Zila Mamede, enquanto o mesmo não ocorre em relação à da legendária Nísia Floresta. Ninguém mais literariamente norte-rio-grandense que a primeira, tendo aqui residido e aqui produzindo sua ótima poesia. Ninguém mais europeia, carioca, pernambucana, que a segunda, autora de obra onde a ênfase se coloca numa perspectiva de pedagogia romântica e feminismo *avant la lettre*. Não se trata de excesso de zelo por uma geografia sentimental. Mas, é inegável que tomo o critério como definidor. Porque se assim não fosse, melhor seria mudar de assunto. Preocupe-me, por isso, em avaliar adequadamente a contribuição de cada autor a nossa literatura, considerando-se aí, inserção na vida literária e contextualização das respectivas obras. Isto, é claro, não diminui o valor intelectual da paparyense. Apenas prefiro estudá-la noutra perspectiva.

Não creio ser demais lembrar que a opção pelos nomes escolhidos para o elenco desta Síntese, é de minha exclusiva responsabilidade. Não sou original. É assim que ocorre com obras desta natureza. Não significa dizer que fiz a melhor seleção do mundo e que, por isto, me mantenha irredutível quanto a possíveis erros e omissões por esquecimento. Se o atual trabalho não foi vão, acréscimos e/ou eventuais correções serão feitos numa futura edição.



É praxe minimizar certas dificuldades enfrentadas ao longo de uma pesquisa assim, concluída a sua elaboração, publicado o livro. Não gostaria de agir deste modo. Não creio que se possa tirar qualquer vantagem de lamentações, e, por isto não as farei. Mas, até como forma de chamar a atenção do Poder Público, devo registrar alguns aspectos que tornam, por vezes, tão difícil pesquisar assuntos como os que compõem este livro que, não raro, as pessoas que se dispõem a tanto acabam por desistir.

Não posso ficar passivo diante do fato de que se encontram em estado de conservação preocupante os acervos da maioria das nossas instituições culturais. Na arquitetura da nossa administração pública, os órgãos que lidam com cultura, assemelham-se, no mais das vezes, àqueles sótãos das casas que as pessoas de posse construíam antigamente: tudo o que era traste, objetos inservíveis, eram ali colocados, para a alegria de ratazanas e traças. Salvo uma ou outra exceção capaz de confirmar a regra, tais acervos, por vezes bem ricos, quase não têm pessoas que deles cuidem e as poucas que ainda existem, se têm postura cordial e revelam constante boa vontade são, em sua infinita maioria desprovidas de formação técnica para este tipo de trabalho. Não surpreende, - apenas para exemplificar com o dado mais revoltante - que estejam incompletas as coleções de jornais, e que se recortem com gilete ou tesoura, criminosamente, certos volumes existentes. Posso testemunhar quanto ao esforço dos dirigentes com que tive a chance de discutir a questão. Porém quase todos têm a mesma marca do desalento. Revelam cansaço, quase gastura, diante do descaso de que são alvo as repartições que dirigem. Não surpreende que inexistam muitos

livros importantes da nossa literatura em tais repartições. Para ler os de Henrique Castriciano, tive que contar com a compreensão da professora Noilde Ramalho, da Escola Doméstica. Para ler as críticas de Antônio Marinho à obra de Segundo Wanderley, recorri ao acervo de Câmara Cascudo, o livro de Armando Seabra, emprestou-mo o jornalista Vicente Serejo – sem falar, como mencionei no início, na mineração sempre rica da biblioteca de Deífilo Gurgel.

Não gostaria, assim, que a oportunidade passasse sem que, motivado pelo exposto, fizesse uma cobrança veemente aos responsáveis. A documentação cultural, no Rio Grande do Norte, repito, está a exigir urgente atenção. A mesma observação vale, é claro, para a estante do autor potiguar em nossas bibliotecas. Nas oficiais, ela é de uma pobreza gritante. Nas escolas públicas, simplesmente inexistem bibliotecas. Ou estão reduzidas a melancólicas salas/depósitos de livros paradidáticos. Não será favor nenhum dotar tais setores de melhores acervos, instalações adequadas, pessoal treinado, meios de reprodutibilidade, de tal maneira que os pesquisadores venham a dispor, confortavelmente, das informações que procuram.

[17]



Gostaria de, finalmente, consignar alguns agradecimentos. A essa praxe não quero fugir. E se iniciei dizendo que devo a Deífilo Gurgel o exemplo de amor, que resultou neste livro, não posso negar que se ele se tornou possível, deve-se também à fraternal cobrança, ao estímulo renovado, à demonstração de fé nos resultados, de pessoas (com algumas das quais mantive contatos breves, mas, nem por isso menos ricos), como Afonso Laurentino, Alvamar Furtado e João Wilson Mendes Melo ou outras, que acompanharam as primeiras idéias e, agora, a sua concretização, como Zélia Santiago, Vicente Serejo, Otacilio Lopes Cardoso, Manoel Onofre Jr., Abimael Silva e Diva Cunha.

Permitam que me explique melhor.

Zélia me surpreendeu, anos setenta, (eu sequer entrara para o corpo docente do Curso de Letras da UFRN) estudando um livro de contos de minha autoria com os seus alunos. Este exemplo,

para mim comovente e lisonjeiro, me fez acreditar que havia lugar para o autor potiguar na academia. Com seriedade essa professora o comprovava.

Vicente Serejo, um dos muitos exemplos de escritor talentoso que o jornalismo tem roubado à literatura, feliz proprietário de uma rica biblioteca potiguar, desde que soube da minha disposição de escrever este livro, decidiu nela investir. Muitas das obras dos autores que aqui estudei, como já ficou dito, foram buscadas – e com sua concordância xerocadas – no seu acervo.

Otacílio Lopes Cardoso, infelizmente desaparecido quando eu finalizava a redação do livro, era uma dessas figuras cuja bondade e modéstia, serviam de exemplo em nossa vida intelectual. Admiração unânime entre os que freqüentam livrarias e sebos, jamais faltou com o seu discreto estímulo. Como o autor, amava a nossa literatura e sempre acreditou na possibilidade de que ela viesse a ser valorizada na justa medida. Devo-lhe ainda outro estímulo: o de me aventurar na pesquisa da polêmica mais famosa da nossa literatura, de que resultou o texto *Marinho versus Segundo*, publicado em *O Galo*.

Manoel Onofre Jr., pesquisador munido de discreta tenacidade, é também exemplo que busquei seguir. A admiração que dedica à produção literária do Rio Grande do Norte tem resultado em muitos livros. Que se tornaram, afinal, um estímulo permanente. E o testemunho da sua expectativa em relação ao presente trabalho, um motivo a mais para que me sentisse obrigado a cumprir a meta de realizá-lo.

No mesmo caso está Abimael Silva. Sebista que não hesita em utilizar parte dos modestos ganhos para manter um pequeno jornal apenas para promover nossa literatura. E que responde com entusiasmo por alguns resgates editoriais importantíssimos, como a reedição de *Poetas do Rio Grande do Norte*, de Ezequiel Wanderley. Através dele tive acesso à edição de *Amor e Ciúme*, de Segundo Wanderley, entre outras raridades.

E quanto a Diva Cunha, lembro-me bem: estava fazendo uma das inúmeras palestras que costumeiramente realizo sobre este tema, tendo-a como companheira de mesa e debates. Pude perceber, ao terminar, que a havia surpreendido com algumas informações que a deixaram particularmente interessada. Pessoa de extrema honesti-

dade intelectual (a experiência de haver sido seu aluno num curso sobre Messianismo, foi inesquecível) ela própria estudiosa e produtora de literatura, poetisa de grande talento, deixou-me entre assustado e feliz, quando, terminada a exposição, formulou a cobrança: "Você tem que escrever isto, cara!"

Está aí, Diva. Está aí, Deífilo, Zélia, Serejo, Onofre, Abimael, seu Otacilio. Demorou, mas saiu. Espero que gostem.

# INTRODUÇÃO

A primeira preocupação explícita com o registro historiográfico e crítico da literatura potiguar, embora manifestada em 1897, só veio a público no ano seguinte. Teve-a um audacioso crítico, um quase imberbe rapaz, de nome Antonio Marinho, que, pelas páginas de *A Tribuna*, espécie de revista cultural de uma associação denominada Congresso Literário, propôs-se, nas edições de janeiro e fevereiro de 1898, a fazer um balanço da nossa produção literária até então, pondo em relevo alguns nomes ainda hoje lembrados, outros que caíram no esquecimento.<sup>1</sup> Se este pioneirismo é um dado relevante, importante mesmo, (e com desdobramento rumoroso, como se verá a seguir), foi a postura por ele adotada, ao abordar em alentado estudo um autor e uma obra, os quais, até então, eram apenas assunto para deleite dos privilegiados da nascente República, provocando admiração, comovendo, embalando românticas emoções. Marinho, *enfant terrible* no meio de prolectos belettristas, freqüentador da biblioteca de Henrique Castriciano, onde alimentava sua inteligência e seu progressivo ceticismo na leitura de Haeckel, Darwin, Spencer e outros, acabou voltando suas vistas para o modelo crítico mais instigante da época: aquele utilizado por Sílvio Romero, autor de uma importante História da Literatura Brasileira, nas análises da literatura nacional. Nele, predominava a tríade clássica, difundida por Taine que apresentava o homem (e por via de conseqüência sua produção cultural) como resultante dos três fatores clássicos: raça, meio e momento.

1. Marinho é um desses intelectuais que mereceriam maior atenção na vida cultural do Estado. Sua contribuição no período a que nos referimos, é notável. Embora muito jovem, destacava-se entre as maiores figuras da época pois, além de escrever bem, tinha agudo senso crítico. No número 3 (ano III - 1955) da Revista da Academia Nortério-grandense de Letras há um dos poucos (nem por isso menos interessante) estudos a seu respeito, em forma de discussão de posse na instituição, de autoria de Floriano Cavalcanti. Quando de sua morte, Henrique Castriciano escreveu também um comovente e reconhecido necrológio. Está na edição de 25 de maio de 1902 de *A Tribuna*. Já Câmara Cascudo, em "Acta Diurna" de 1940 (*O Livro das Velhas Figuras*, vol. 6 - 116/117) reconhece: "Antes dele ninguém pensara em sistematizar a produção literária do Rio Grande do Norte, olhada pelo ângulo da crítica."

Ora, a ninguém, senão àquele jovem temerário interessaria refletir nestes termos, no pequenino Rio Grande do Norte, porque o poeta e dramaturgo cuja obra estudou era respeitado pelas elites e mais que amado: romanticamente idolatrado pelos que liam os seus poemas ou assistiam às suas peças. Daí porque o crítico terminaria protagonizando, por sua coragem de ser diferente, um episódio dos mais marcantes em nossa literatura. A tônica predominante na produção estética de então era, claro, a do cultivo de procedimentos poéticos cristalizados pela tradição, que remontavam ao romantismo castroalvino e que o poeta Segundo Wanderley defenderia no quarteto de abertura do soneto "Tumulo do Verso", (num comentário em que se misturavam ironia e espírito olímpico de campeão do verso, que assistia chegar o final do século "aureolado" como expoente maior da nossa lírica anacrônica):

*Não! Não creio na amarga profecia  
Dôs arautos fatais do pessimismo  
Que predizem num vão filosofismo  
Da louca Musa a próxima agonia.*

[22]

E, como se não quisesse deixar dúvida, sobre sua postura no contexto lírico da passagem do século, encerrava com essa chave de ouro:

*Do Gênio o áureo sonho se requinta,  
- Enquanto houver uma mulher que sinta  
- Enquanto houver um coração que ame!*

Pois a sua obra, teatral e poética, viria a ser objeto de estudo do jovem crítico e esta longa análise, que se demora em três edições de *A Tribuna* (12-06, 07 e 24 de julho de 1901) acabaria se tornando, por conta da coragem e da franqueza de Antonio Marinho, não apenas o nosso primeiro trabalho de exegese crítica, como notaram Henrique Castriciano e Câmara Cascudo, mas, no grande escândalo da nossa vida literária. É que, revelando uma maior consistência do que a demonstrada no estudo anterior, quando tentava dar uma visão panorâmica da nossa incipiente literatura, se mostrava capaz de, como seu analista, ultrapassar os limites do meramente cronológico e da impressão. O Dr. Se-

gundo Wanderley como Dramaturgo e como Poeta, surge nas páginas da publicação em que colaboravam, ambos, assinalando graves defeitos onde a ingênua recepção dos leitores do poeta romântico apenas enxergava beleza. Marinho não aceita, por exemplo que, dois movimentos após o romantismo, (o parnasianismo e o simbolismo, então vigente), Segundo Wanderley continue escrevendo como nos seus tempos da Bahia, ou seja: como fiel epigono de Castro Alves. Mais: em seu declarado condoreirismo. E não se limitou a isto. Também investiu corajosamente contra o mau teatro de Segundo, que encantava as ingênuas platéias naquela nascente Natal republicana.

A análise empreendida teve o efeito de uma bomba. E coincidindo com o agravamento da sua tuberculose, que o levaria a mudar-se para Angicos, onde faleceu, Antonio Marinho conheceu desde então, exceção feita a menções passageiras, (ou estudos onde aparece como coadjuvante – caso de “Segundo Wanderley” in **Alma Patrícia**) ou da homenagem que lhe prestou Floriano Cavalcanti, ao tomar posse na ANRL), um quase completo ostracismo.<sup>2</sup>

Não desapareceu Antonio Marinho sem que ficasse uma constatação: embora com longos intervalos, e com evidente predominância do tom elogioso, passava a existir a idéia de que, à força de um conjunto de produtores que se tornava cada vez mais visível, não parecia um despropósito falar de “história” em nossa literatura. É, por exemplo, o que faz Henrique Castriciano na série de artigos que publicou sobre o poeta provinciano Lourival Açucena em *A República*, em 1907, resgatando a figura que *A Tribuna* ajudara a recuperar no final do século. É também (com a exceção de um ou outro estudo em que se deteve com menos zelo analítico) o que faz o jovem Câmara Cascudo com os textos de **Alma Patrícia**, livro de 1921, textos que surpreendem já pela agilidade do estilo que seria marca do seu autor, já pelo esforço de pesquisa, em alguns casos verdadeiramente notável. Identicamente, embora com menor talento, é o que faz Ezequiel Wanderley, num belo esforço de recolha que resultou numa antologia, **Poetas do Rio Grande do Norte**, publicada em 1922.<sup>3</sup> Não sendo possível concordar integralmente com os critérios de seleção adotados pelo autor, que se deixou conduzir por uma notória indulgência, (visando a, certamente, justificar nossa fama de “terra de poetas”) é inegável que o seu livro acabou se tomando uma das fontes clássicas da nossa pesquisa literária.

2. Este livro já havia sido concluído, quando descobri, na Biblioteca da Fundação José Bezerra Gomes, de Currais Novos, interessante trabalho de Esmeraldo Siqueira com o título “A Crítica em Literatura” in **Do Meu Reduto Provinciano**, publicado pela Pongetti, Rio, em 1969.

O autor ressalta, aí, em breves comentários, a importância de Antonio Marinho e Armando Seabra. Muitos são, sob o aspecto que vimos enfocando, os pontos comuns entre a nossa visão e a do autor mencionado. (Em relação a esse episódio de *A Tribuna*, o mais constrangedor é que sai em defesa de Segundo Wanderley... o próprio Segundo Wanderley.

E o faz, tentando desvendar na crítica de Marinho intenções malévolas, comportamento irresponsável, como ficou registrado na Carta Aberta publicada na edição de 15 de agosto de 1901).

3. Antologia a que se seguiram várias outras na tradição literária potiguar, algumas das quais encontram-se na Bibliografia, ao final desse volume.

Porém, a postura adotada pelo crítico que primeiro analisou a obra de Segundo Wanderley não seria tão cedo retomada, embora outro talentoso analista, que não conseguiu livrar-se da tentação filológica, também ocupasse lugar importante nas discussões sobre a criatividade literária do Estado. Trata-se de Armando Seabra, que teve textos seus, já publicados na imprensa, reunidos em **Ensaaios de Crítica e Literatura**, livro póstumo, surgido em 1923. Como assinalou Sebastião Fernandes na apresentação dessa obra, era notável, em Seabra, o espírito de combatividade que o levaria a "sustentar uma veemente polêmica n' *O Tempo*, com os mais competentes, no assunto, nesta capital." E isto no afã de defender questões ligadas ao bom uso da língua, porque, como faz questão de assinalar o poeta, o combativo escritor tinha "o culto do nosso lindo idioma e o seu estudo constituía o maior prazer mental do nosso desditoso amigo." E isto fica mais do que claro em artigos como "Questões de Português" (p. 92) onde, para justificar a assertiva de que nessa época, "aquém e além mar, abundam gramáticos e filólogos de valor incontestável", Seabra considera certos deslizes de estudiosos apressados ou ausência de humildade nos que se julgam infalíveis conhecedores do nosso código lingüístico. Tal postura não o impede de abordar com talento e estilo ágil, de quem tinha bom domínio da linguagem jornalística aspectos da nossa vida literária. Curiosa é a sua análise da poesia de Itajubá, por exemplo, na qual, repetindo sugestão de um outro poeta, Angione Costa, enxerga um parentesco com a obra de Frederico Mistral e a simplicidade dos provençais. E revela, para com a mesma, uma inesperada atitude de compreensão, apenas justificável pela admiração com a surpreendente beleza dos seus versos. Por isto, explica:

*Sem ser um livro de arte, nele avultando antes tresdobrados defeitos, o poema **Terra Natal** é contudo de tamanha inspiração e tão emocional simplicidade que o crítico se dispensa do trabalho impiedoso da joeira (...) (p. 90)*

Mas, não se dispensará dessa "impiedade" quando comentar a obra de outros autores, utilizando-se quase sempre de um discurso cheio de irreverência como o que consagrou outro crítico mais ao sul: Agripino Grieco. A este respeito vale a pena conside-

rar os comentários que emite sobre **Mármore**, livro de poesia de Barreto Sobrinho. Dele, diz ser "(...) um livro que não pode merecer aplauso, ou sequer minguada simpatia da crítica medianamente benevolente." E, após assinalar-lhe a pobreza de imagens e, segundo alega, uma influência mal-assimilada de Itajubá, investe duramente no terreno em que mais gosta de duelar: o da filologia. Constatando alguns erros gritantes, comenta, ao transcrever um verso, no qual o poeta fala "No estridente zumbir de uma cigarra":

*Duas incoerências se contêm neste verso: dizer que a cigarra zumbe e classificar-lhe o zumbir de estridente. Ou bem a cigarra canta estridentemente, ou bem zumbe. Este último verbo é onomatopaico, de modo que, ao pronunciá-lo, parece estamos ouvindo o som especial e obscuro, produzido pelo voejar dos insetos. Com tamanhas liberdades, daqui a pouco o sr. Barreto Sobrinho dirá que o boi canta, o canário relincha e o asno faz versos. (p. 104)*

Com maior ou menor irreverência e só muito raramente demonstrando tolerância, diante de escritos medíocres, ele chega a comentar ainda trabalhos como **Contos & Troças - Loucuras**, de Jorge Fernandes e Ivo Filho, e livros e/ou poemas isolados, de autores como Ponciano Barbosa e Abner de Brito. Tendo, como o crítico de Segundo Wanderley, falecido antes de completar os 30 anos, deve-se lamentar o seu desaparecimento, tal como o fez Castriciano no necrológio de A. Marinho, não tanto pelo que nos deixou "(...) que é bem pouco, mas pelo que nos podia deixar, que seria muito."

A idéia de publicar uma História da Literatura do Rio Grande do Norte, parece haver entrado nas cogitações de Luís da Câmara Cascudo no período em que ele lançou-se ao projeto de **Alma Patrícia**, pois irá sugerir este intento na contracapa de **Joio**, livro de 1924. Não se concretizando, viria a ser retomada, tempos depois, como parte de um projeto mais abrangente da Academia Norte-riograndense de Letras, no qual teria como companheiros Verissimo de Melo e Manoel Rodrigues de Melo, no final dos anos cinqüenta. Porém, no que lhe diz respeito, nem chegou a vê-la publicada, já que os originais por ele produzidos, desapareceram <sup>4</sup>.

4. Cheia de sinuosidades é a história desse inédito desaparecido (como vários outros de Cascudo) que foi visto e até pesquisado por João Wilson Mendes Melo e Hélio Galvão. O próprio autor, em correspondência a Thadeu Villar de Lemos (no livro **Mensagens de Câmara Cascudo e Cosme Lemos - Coletânea de Thadeu Villar de Lemos**, p. 41/42. V. Bibliog.) o menciona, como tendo sido levado para publicação no Rio. Quanto ao projeto da ANRL, teria a seguinte distribuição de competência: a Cascudo, caberiam "os prólogos da literatura norte-riograndense até 1920".

A Manoel Rodrigues de Melo, "o período de 1920 aos nossos dias.

E, quanto a Verissimo, tratara "exclusivamente dos patronos e membros da Academia Norte-riograndense de Letras".

[V. Revista da ANRL, n. 8, de maio de 1970 - Ano XIX, p. 200] O único que chegou a ter sua parte publicada foi Verissimo de Melo, nos dois volumes de **Patronos e Acadêmicos**. Quanto ao que Manoel Rodrigues escreveu sobre nossa história literária, está disperso em jornais, revistas, ou em trabalhos introdutórios, e anotações a livros de Afonso Bezerra, Polycarpo Feitosa e outros, à espera de um pesquisador que os reúna e comente.

Importante é que o exemplo de Antonio Marinho, de algum modo seqüenciado por Henrique Castriciano e logo levado adiante por Cascudo e os dois companheiros citados, (mesmo sem a veemência crítica que marcara o trabalho do primeiro) foi fertilizante. E logo se tornariam referenciais para um estudo desta natureza, as abordagens empreendidas por outros autores, tais como: Francisco das Chagas Pereira, Nilson Patriota, Manoel Onofre Jr., Américo de Oliveira Costa, João Wilson Mendes Melo, Esmeraldo Siqueira, Nilo Pereira. Modernamente, (não necessariamente obedecendo a ordem cronológica) Zélia Santiago, Águeda Zerôncio, Moacyr Cirne, Anchieta Fernandes, Tácito Costa, Graça Aquino, Nonato Gurgel, Nelson Patriota, Constância Lima Duarte, Diva Cunha, Cláudio Galvão e Humberto Hermenegildo, têm contribuído de forma relevante para que não fiquemos órfãos desse tipo de enfoque, que não esquecendo o histórico, signifique igualmente uma reflexão sobre a literatura norte-rio-grandense.

Mesmo assim, a produção historiográfica voltada à nossa literatura, tem pago o preço do registro, por vezes apressado, quando não meramente laudatório. Bem verdade que a visada impressionista foi compensadora em alguns casos, como no de Veríssimo de Melo com o já citado **Patronos e Acadêmicos**. Mas, a ausência de fontes históricas melhor ordenadas e uma crítica militante, provocando uma sadia emulação, sempre deixaram o estudioso interessado na Literatura Potiguar, exposto, ora à acomodação de recorrer, ora aos mestres (em nosso caso, aos nomes de Castriciano e Cascudo, certamente), ora à busca desordenada de informações - nem sempre disponíveis, diga-se de passagem, em publicações como as revistas da ANRL, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, *Oásis, Rio Grande do Norte*, e de modo muito especial *A Tribuna, A República, A Imprensa*. Sem falar na contribuição contemporânea de *Diário de Natal/O Poti* e *Tribuna do Norte*.

O exemplo desta tradição e, sobretudo as dificuldades, resultaram na presente leitura. Não se trata de uma sistematização, coisa que soaria um tanto pedante, por enquanto, considerado o volume da nossa produção literária de qualidade. Busca-se, aqui, tão somente reunir o melhor da sua história, avaliando-a criticamente. Autor e obra considerados no contex-

to em que se dá a produção e circulação da mesma, visando a dotar o leitor de informações que estimulem o seu discernimento crítico, pois, como diria Antônio Cândido no clássico **Formação da Literatura Brasileira:**

LD 1959

*Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõe, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão.*

X

# I PARTE

*... mas, porém bastante ousada!*

... mas, porém bastante ousada!

... mas, porém bastante ousada!

## PROVÍNCIA: UMA FLOR NO SOBRENOME

Em um ponto os estudiosos da cultura potiguar parecem não discordar, desde que Manoel Ferreira Nobre lançou pioneiramente a sua história<sup>1</sup> - o que se refere à extrema lentidão com que o progresso chegou ao Estado. Na apresentação do livro que organizou, reunindo as poesias do nosso poeta inaugural, Lourival Açucena, antecipando-se ao que de certo modo dirá em **História da Cidade do Natal**, Câmara Cascudo refere-se à situação da capital durante os primeiros duzentos e cinquenta anos de existência enquanto núcleo populacional, afirmando:

*A cidade do Natal, fundada no século XVI, nasceu no século XX. Os intermediários são períodos de história guerreira, política ou dorminhoca. Faz de conta que não existiram.*<sup>2</sup>

Mesmo que se dê à afirmativa o desconto necessário à marca do estilo e da irreverência cascudeana, não podemos duvidar. No comentário do mais famoso historiador natalense estão implícitas as leituras de velhos documentos coloniais, atas de intendências, registros de viajantes que por aqui passavam, testemunhos e depoimentos dos antigos, quase sempre atestando a indigência social, econômica, política e cultural da terra de cuja literatura iremos falar. Até - é possível dizer - a chegada da República.

Não se trata, em absoluto, de ignorar acontecimentos históricos que tiveram lugar pelas terras potiguares, nem deixar de reconhecer-lhes a grandeza porventura existente. Porém, o cotidiano da Província, aí incluída a atividade administrativa, tem a marca da pasmação e, à parte a lentidão com que uma ou outra modificação interessante ocorria, os registros, oficiais ou não, eram desoladores. Oito anos antes do nascimento daquele que é considerado cronologicamente o primeiro poeta do Estado, fez-se uma tentativa de recenseamento geral. Apurou-se, então, segundo o historiador Tarcísio Medeiros, a existência de 61.812 pessoas livres, 9.109 escravas, num total de 70.921 almas.<sup>3</sup> Significa dizer: precariamente distribuído pelas terras do Estado, e com evidente concentração na capital, havia um contingente humano menor que a população de uma cidade como a de Parnamirim, na Grande Natal, no final deste Século XX. Com essa expressão modesta, social e eco-

1. Nobre, Manuel Ferreira - *Breve Notícia Sobre a Província do Rio Grande do Norte* - Vitória (ES), Tipografia Espírito-santense, 1877. (2ª Edição - Rio, Pongetti, 1971, anotada por Manoel Rodrigues de Melo, contendo depoimentos de Luís da Câmara Cascudo e Antônio Soares de Araújo)

*Natal*  
Fundada no  
século XVI,  
nasceu no  
século XX.

2. Cascudo, Luís da Câmara (org.) - *Versos de Lourival Açucena* (2ª Edição - Natal, Editora Universitária, 1986). A primeira edição, também de Natal, é da Typographia d'A Imprensa, 1927.

3. Medeiros, Tarcísio - *Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do Rio Grande do Norte* - Natal, Editora Universitária, 1973.

4 Lima, Nestor – *Um Século de Ensino Primário* – Natal, Typographia d'A Republica, 1927.

5. Em reforço ao que ora dizemos, é bom assinalar ainda que apenas dois outros fatos ocupam significativamente o olhar do historiador Nobre, neste período: a existência de uma "Biblioteca Pública Provincial", funcionando numa das salas do Atheneu – sem que ele dimensione ou especifique o acervo da mesma, e este outro, no mínimo curioso: a informação de que os jovens Joaquim Fabricio de Sousa e Manoel Franklin Moreira de Almeida, serão merecedores – por lei – de auxílio "(...) para estudarem belas-artistas no Rio de Janeiro, por espaço de três anos." Segundo Ferreira Nobre, o primeiro vai. O segundo, porém, um pobre surdo-mudo, é vítima da falta de numerário e tem de ficar (Op. Cit., p. 30): "O primeiro concessionário seguiu para a capital do Império, a fim de dar começo aos estudos; e o segundo, que já ali esteve no estabelecimento de mudos-surdos (sic) fazendo sempre boa figura entre os seus colegas, deixou de seguir também pela penúria do cofre municipal".

[32]

6 V. Cascudo, Luís da Câmara – *História da Cidade do Natal* – 2a Edição, Rio, Civilização Brasileira/UFRN, 1980 (p. 372). O pesquisador M. Rodrigues de Melo adota outro critério, ao considerar a produção que diz haver existido ainda à época da Independência. Embora respeitando o seu ponto de vista, preferimos considerar, até para justificar uma análise, aquela que restou em sua materialidade. Ou seja, a de que nos podemos valer, em seu registro impresso.

nomicamente, (uma vez que a própria economia agropastoril era periodicamente dizimada pela seca), não deve surpreender que os primeiros núcleos urbanos elevados à categoria de cidade no Interior, o sejam apenas em 1845. Até Açú e São José de Mipibu merecerem este título, o Rio Grande do Norte tinha uma única cidade: sua capital. No resto da Província, Vilas e Comarcas. E só aos poucos outras tantas cidades surgirão: Caicó, ainda com o nome herdado da sua condição de Vila, agora "Cidade do Príncipe" em 1868 e Mossoró que, em razão da sua importância, logo assumiria a condição de "Capital do Oeste", somente passará a cidade um quarto de século depois de Açú e São José.

Nos planos educativo e cultural, então, a situação beirava a indigência. Considere-se, por exemplo, o ano de 1877, quando Ferreira Nobre publica sua história pioneira. Há, nesta ocasião, segundo o mesmo informa, 364 alunos freqüentando as escolas públicas e outros 38 nas particulares da Capital. O ensino secundário é ministrado apenas no Atheneu, que inaugurado em 1836 é ainda o único nesse nível em toda a Província. É bem verdade que o ensino primário de algum modo já se difundira pelo interior, registrando Nestor Lima em *Um Século de Ensino Primário*,<sup>4</sup> a existência de 2.987 alunos na rede pública e outros 1.071 nas escolas particulares. O que não chega propriamente a entusiasmar, levando-se em conta que a lei que institui o ensino oficial no Brasil é de 1827, ou seja: de cinquenta anos antes. Mesmo assim, é bom registrar que, junto a esses dados há a informação de que já até passara a existir uma escola destinada a formar professores, em Natal, a Escola Normal, que é instalada em 1874. Mas, sem modificar substancialmente a situação.<sup>5</sup>

### No Alegre Jardim de Açucena

Impressa em forma de poemas, artigos, contos, crônicas, a Literatura começa a existir no Rio Grande do Norte, de modo ainda tímido, na segunda metade do século dezanove. Conforme explica nosso mais importante historiador, tal aconteceu num jornalzinho chamado *O Recreio*, que existia na capital e circulou no ano de 1861. Foi o meio impresso pioneiro a difundir, de modo sistemático, esse tipo de manifestação cultural.<sup>6</sup>

Se a Província e sua capital eram, como vimos, desprovidas de

maior importância em todos os aspectos havia, ao menos, o cenário com que a natureza privilegiou esta parte do Brasil. E Natal, pequeno arruado no cimo de um morro, com uns poucos casebres existentes no areal entre o Potengi e o Atlântico, até chegar à chamada Praia da Limpa - adiante o imponente Forte dos Reis Magos, dominando a boca da Barra - certamente mexia com espíritos mais sensíveis. E havia mais: a intensa luminosidade do sol. O verde do mar. O coqueiral e os mangues. E as dunas. Na vidinha tranqüila aos poucos foram-se revelando figuras que logo reuniam em torno de si a simpatia e a admiração populares, pelas tiradas inteligentes, as modinhas e lundus que cantavam, da sua própria autoria ou de outros poetas. Entre essas, tornou-se famoso, encontrando acolhedora admiração, quando do surgimento do pioneiro jornalzinho, um poeta chamado Lourival Açucena, cujo talento e agitada vida pessoal acabaram se tornando objeto de interesse entre os que residiam na capital e arredores. O seu nome verdadeiro era Joaquim Eduvirges de Mello Açucena, mas ele passaria à história da nossa literatura como Lourival, mantendo o último sobrenome, porque decidiu incorporar à sua personalidade civil o nome de uma personagem (o tenente Lourival) que lhe coubera interpretar, quando jovem, segundo informam seus biógrafos, numa peça de teatro denominada "O Desertor Francês".

Diz-se que era cantor de grandes qualidades e que se acompanhava ao violão. Há também notícias de que não teria se limitado a cantar apenas em Natal, chegando a se apresentar em Pernambuco com reconhecimento e aplauso. Tendo sido entre os nossos poetas um dos de mais longa existência (viveu oitenta anos incompletos), ele notabilizou-se não apenas pela qualidade da sua poesia e talento de modinheiro, mas pela agitação que lhe marcou a vida, de modo especial no complicado relacionamento com a elite política da Província.<sup>7</sup>

Não teve livro publicado em vida. Mas, chegaria a ver poemas seus, impressos em várias publicações, como é possível constatar na excelente fonte que é Luís Fernandes que, em **Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte** (v. Bibliografia) o localiza entre os colaboradores do citado *O Recreio*. Mas, quem o divulga mais e melhor é *A Tribuna*, pertencente ao Congresso Literário, que começou a circular no final do século passado e dentro de uma perspectiva rigorosamente pioneira, decide resgatar-lhe a obra,

7. A propósito, tornou-se célebre o episódio, já tantas vezes citado, da sua discussão com o então Presidente Leão Veloso, a respeito de um lugar que o poeta havia pleiteado na Assembléia Provincial. Tendo negociado, em troca, o apoio ao importante Amaro Cavalcanti, que postulava a representação junto à Corte, viu-se preterido. Alegava-se que não ficava bem ele, boêmio, ter assento no legislativo. Tal seria possível se tivesse deixado de cantar, e isso não ocorreria. O comentário que faz Lourival é desconcertante: "Porque é sempre melhor cantar que zurrar e sabe V. Excia. que na Assembléia..."

Lourival Açucena

8. Sobre esta associação (como tantas outras, ainda não devidamente estudadas pelos pesquisadores locais), dirá Câmara Cascudo em *História da Cidade do Natal* (p. 380) "Pôs a pena na mão de muito poeta e muito jornalista." E menciona expressivo elenco de associados, do qual fizeram parte Francisco Ivo Cavalcanti, Jorge Fernandes, Clementino Câmara, Ferreira Itajubá, entre outros.

Segunda Wanderley

publicando vários dos seus poemas em sucessivas edições. Sua fama passa a declinar no final do oitocentos. E, obviamente, porque mudanças passam a acontecer na vida na Capital, sobretudo pela agitação que começava a existir diante dos sinais de esgotamento da política imperial. Uma agitação que se projetava com maior ou menor intensidade pelas Províncias e que se refletia na campanha abolicionista, logo seguida da proclamação da República. Com a chegada desta, como assinalou Henrique Castriciano, (e com o retorno de Segundo Wanderley da Bahia) o prestígio de Lourival Açucena desaparece, tal como acontecera com a Província.

### Obra pequena e múltipla

Trinta dias após a morte de Lourival Açucena os amigos publicaram uma Poliantéia, breve reunião de poemas seus, para homenagear-lhe a memória. O pequeno volume saiu pela Oficina Literária Norte-Rio-Grandense.<sup>8</sup> Coube, porém, a Luís da Câmara Cascudo, contando com a colaboração do filho do poeta, querida personalidade natalense, Joaquim Lourival (o "Professor Panqueca", proprietário de uma concorrida escola particular), a tarefa de reunir tudo o que pôde recolher dos seus poemas, publicando um volume a que chamou de **Versos**, em 1927. Em 1987 a Universidade Federal do Rio Grande do Norte voltaria a editar este trabalho que contém, afora os versos de Açucena, a notável apresentação do organizador, onde se fala da Natal de antigamente, precedida de Nota do jornalista Vicente Serejo. O jovem Cascudo tomaria como modelo para a sua bela apresentação uma série de nove artigos que Henrique Castriciano havia publicado em *A República*, conforme já ficou dito, de 03 de julho a 1º de agosto de 1907, ano da morte de Lourival, chamando a atenção para a sua importância.<sup>9</sup>

Coincidindo com a irrequieta personalidade do autor, a sua poesia não revela unidade, um traço comum, capaz de caracterizá-la. Ao contrário, é fácil perceber lendo os seus poemas, que a ele não preocupou filiar-se a qualquer escola, (embora seja forte em sua pequena obra a presença do arcadismo). Tal diversificação encontraria uma possível justificativa em sua condição de modinheiro, supondo-se, aí, a obrigação de variar o repertório e o seu estilo, com

9. Depois publicada na *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, (Ano IV, n. 4, 1956) e pelo próprio Cascudo, na excelente biografia que escreveu sobre esse importante poeta: *Nosso Amigo Castriciano*, (Imprensa Universitária do Recife, em 1965)

vistas a atender à solicitação popular. Assim, é possível vê-lo também como romântico e até como poeta clássico. Mas, é justamente quando adota a maneira mais próxima do povo, nas quadras, nos temas satíricos, que se percebe um Lourival Açucena mais autêntico. Isto é fácil de comprovar em "A Política" onde ele "filosofa" a respeito desta prática à época do Império:

(...)  
*Esses arautos políticos*  
*Quer de uma, quer doutra grei*  
*Quando estão de baixo gritam:*  
*"Viva o povo" – "Abaixo o Rei!"*  
*Mas, o sábio Rei,*  
*Que conhece tudo,*  
*Faz que não entende,*  
*Fica surdo e mudo;*  
*E o povo que idéia*  
*Não tem dos negócios*  
*Vai crendo nas loas*  
*Dos tais capadócius...*  
*Já ouviu, Yayá?*  
(...)

[35]

Cantado em forma de chula (o próprio Açucena acompanhava-se ao violão) o longo "A Política", que abre **Versos** e de que transcrevemos apenas um fragmento, põe a nu, com bastante irreverência aspectos relacionados com os métodos nem sempre confiáveis da mesma, de que ele próprio, aliás, seria vítima. Advertindo que Yayá está ficando muito "analítica", pois agora deu para interessar-se por assunto tão relevante, o poeta tocava gostosamente a alma do povo, em serenatas que varavam as noites da província.

A importância desse pioneiro no cenário lírico de Natal, pode ser medida, igualmente, pelas homenagens recebidas dos outros poetas que, além de Henrique Castriçano, sobre ele escreveram. Entre estes, Segundo Wanderley, Gothardo Neto e Ferreira Itajubá. Este último, por ocasião do seu sepultamento, divulgou o poema "No Campo Santo", onde se podia ler:

518 mo  
Liturgia  
conceito  
obra e obra  
debruço

Fineza  
de  
sua  
poesia  
de  
sua  
obra

(...)

Morreste e não soubeste, ó grande veterano,  
Que, quando, por Natal, a rosa todo ano  
Floresce, alegremente, entre as demais roseiras,  
O prado embalsamando, ao lado das primeiras,  
Esta alma não rebenta em rosas de ilusão  
Como quando cantaste ao som do violão.

(...)

Trata-se, como se vê, de um sentido registro do reconhecimento que o jovem poeta faz a respeito do seu talentoso antecessor o qual, mesmo tendo tido inúmeros poemas publicados pela importante *A Tribuna*, não pôde resistir aos valores de uma nova realidade que chegava com a República. No pungente testemunho de Castriciano ao longo da série de artigos antes citada, encontra-se o doloroso registro da sua decadência:

*Com o advento do novo regime, acentuou-se a mudança que desde certo tempo vinha se processando no meio natalense.*

*Os costumes tornaram-se diferentes; a população sedentária, fez-se mais egoísta; acabaram-se os grandes pic-nics, as noitadas ao luar, os passeios coletivos à Redinha, ao Barro Vermelho, as festas católicas animadas, as serenatas langorosas.*

*O poeta, sentindo-se isolado começou a morrer. Nos últimos anos era uma sombra de si mesmo. Trôpego, indeciso, como um sonâmbulo, quase cego, fazia pena vê-lo, não raro chasqueado pelos imbecis, atravessando algumas ruas da cidade de que fora a alma irrequieta e de que era agora a alegria morta.<sup>10</sup>*

#### **Na Belle Époque, com a Oligarquia**

A proclamação da República reproduziu no Rio Grande do Norte, de certo modo, uma situação que acabou ocorrendo no resto do país: como se fora uma imitação do modelo político imediatamente anterior, o da monarquia, o mando familiar se multiplicou nos mais diversos Estados.

Aqui, a presença de uma família envolvida numa espécie de aura, herdada dos tempos coloniais, (a começar de Jerônimo

de Albuquerque, notabilizado pela conquista do Maranhão aos franceses) foi se impondo à medida em que outras personagens relevantes se incorporavam à história. Dessas, registram os historiadores, uma destacou-se na Revolução de 1817, quando uns poucos românticos, de elite, defenderam, até as últimas conseqüências um ideário que só triunfaria setenta anos depois.<sup>11</sup> Entre os "republicanos" de então, destacava-se o norte-rio-grandense André de Albuquerque Maranhão, vítima logo tornado herói. Muito tempo depois, outro descendente famoso, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão haveria de encarnar esse ideário. É ele quem, após destacada participação na campanha abolicionista, assume a liderança do movimento republicano no Estado, tornando-se o cérebro do mesmo.<sup>12</sup>

Resumidamente, e para que se tenha uma pequena amostra da força aliciatória de Pedro Velho e do grupo político-familiar liderado pelo primeiro governador, de fato, do sistema republicano no Rio Grande do Norte, bastam-nos duas observações.

A primeira de Cascudo:

*Pedro Velho instalou uma máquina, uma teia fina e tersa que abarcava o Estado inteiro, transmitindo a vibração quase instantânea ao contato. O seu processo de política administrativa foi um recuo às donatarias. Os municípios tinham capitães-mores, e uma aparelhagem decrescente e maior completava a pirâmide de que ele era o cimo natural, inabalável. Usava de métodos diversos e inesperados, dependendo do temperamento a que se destinava. Havia a persuasão, a candura, o cinismo, a finura velhaca, a altivez, a confiança, o chiste. Elogiavam a suprema virtude do político finíssimo: - Não se descobria! Nunca sabiam o seu jogo, cauto, prudente, precavido, seguro. Às vezes o adversário rendido notava que o vencedor o derrotara sem armas. Vencera pela fama, pela tradição, pelo renome.*<sup>13</sup>

A segunda observação refere-se ao processo da escalada oligárquica, em seu início, já não enfatizando o estabelecimento de alianças e negociações políticas visando à conquista e manutenção do poder, mas pela utilização concreta de um sistema de controle da própria máquina administrativa.

11. A propósito do sobrenome famoso, v. Tavares de Lyra, A., *História do Rio Grande do Norte* (Natal, FIA, 1982 - 2ª Ed.), p. 35, que assinala também os feitos de Jerônimo de Albuquerque. Quanto ao comentário sobre a Revolução de 1817, vale a pena considerar a irreverência historiográfica de Cascudo em sua obra de idêntico título, a página 135: "1817 é uma revolução de letrados, juizes, advogados, gente rica, cinquenta padres seculares e cinco irades. É uma revolução sonora, começando com TE DEUM, com oração congratulatória, com discursos bonitos, com apelos que ninguém ouviu."

12. Para um estudo mais profundo desse período e do grupo oligárquico, já bastante pesquisado pelos nossos historiadores, sugerimos a leitura de pelo menos dois autores: Luis da Câmara Cascudo, notável narrador, biógrafo e compilador de textos jornalísticos do período e Itamar de Souza, que empreendeu uma competente análise do controvertido comportamento político dessa elite iniciada por Pedro Velho, até o rompimento da sua trajetória, no segundo governo Ferreira Chaves. Em *A República Velha no Rio Grande do Norte* (Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1989). As páginas 123/132, o segundo autor narra, com detalhes, lances desse acontecimento.

13. V. Cascudo, Pp. 38/39 Op. Cit., Parte desta citação é reproduzida por Itamar de Souza.

Afirma Itamar de Souza:

(...) no final do século passado, a oligarquia Albuquerque Maranhão já dominava a Intendência de Natal, a de Canguaretama, o Correio Central, o Poder Legislativo, o Senado e a Câmara Federal.<sup>14</sup>

Assim, de acordo com o registro da História e a rica existência de noticiário político da época, é possível constatar-se a força desse grupo familiar, cuja presença e atuação acabariam marcadas, inevitavelmente por um duplo sentimento de amor e ódio, ensejados pela confusão de interesses particulares e públicos de uma permanência demorada no Poder. E, embora tenha se verificado um movimento oposicionista, em alguns momentos mesmo, espetacular, como na campanha de José da Penha, (desdobramento de um movimento nacional, autodenominado "de salvação") no caso potiguar, como dissemos antes, a sua fratura apenas ocorrerá quando Ferreira Chaves e Tavares de Lyra se desentenderem.<sup>15</sup> E ainda assim, é impossível olhar-se as administrações que se seguem, dos seridoenses José Augusto Bezerra de Medeiros e Juvenal Lamartine de Faria, como algo distante daquele sistema de poder: ambos foram cultivados no nicho da oligarquia.

[38]

Mas a presença da família Albuquerque Maranhão no Poder, no nascente Estado republicano, se marcaria igualmente por uma estreita aliança entre a política e a intelectualidade, aproximação facilitada pela condição de homens cultos, de Pedro Velho, seu irmão Alberto Maranhão, o genro, Tavares de Lyra e Antônio de Souza (embora não familiar, desde jovem revelando-se talentoso jornalista e, fora desse período, importante ficcionista com o pseudônimo de Polycarpo Feitosa). Todos os mencionados, foram governadores em períodos diversos. Afora estes, os também chefes do executivo Ferreira Chaves, José Augusto e Juvenal Lamartine, são declarados apreciadores de arte, das coisas do espírito, tendo o último chegado a ocupar, tempos após retornar do exílio que se impôs, por conta da Revolução de 30, a presidência da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

No período em que a oligarquia Albuquerque Maranhão domina o Estado, há um notável florescimento da literatura, do teatro, da música. Trata-se da nossa *Belle Époque*. E, se no campo pictórico a produção não é tão expressiva, não se pode falar em contribuições modestas no campo urbanístico e na arquitetura, aí avultando os prédios do então

15. No episódio mencionado na Nota de nº 12.

Theatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão), do Grupo Escolar (que tinha o nome do irmão, Augusto Severo) e o da primitiva Escola Doméstica (construído na segunda administração Ferreira Chaves, sob a direta inspiração de Henrique Castriciano) todos no bairro da Ribeira.

Mas, será certamente no campo da circulação das idéias, nas manifestações do espírito por via da literatura e do jornalismo, onde o período oligárquico se mostrará mais brilhante. A começar, como adiante se verá pela presença, junto aos oligarcas, de outra família, de origem negra, cujo desempenho será preponderante na manutenção da aura que ainda hoje cerca o período e o sobrenome. Referimo-nos aos Castriciano de Souza, provindos de Macaíba.

Dando ressonância àquela espécie de vocação da cultura potiguar, além do jornal oficial, que surge com o nome do novo regime, circulam outros periódicos, fazendo repercutir uma expressiva produção de versos, artigos, contos, charadas e até uns irritantes joguinhos da inteligência, chamados logogrifos. E por trás de várias destas publicações existirão associações, com propósitos culturais ou educativos, algumas preocupadas em homenagear figuras de destaque no mundo cultural, como o francês Eugène Pelletan. Notabilizado por uma afirmação acaciana, como assinalou Américo de Oliveira Costa em seu discurso de posse na Academia Norte-riograndense de Letras. A constatação de que, à força do progresso o mundo se movia, inexoravelmente, "Le Monde Marche" foi o suficiente para que aqui se criasse um grêmio com este nome e, nele, uma bela revista chamada *Oásis*, que se tornaria, como notou o estudioso citado, um verdadeiro fenômeno de duração, circulando durante nada menos de dez anos.<sup>16</sup>

### CONDOR À VISTA NO CÉU DA LÍRICA POTIGUAR

Em 1889 chega a Natal, vindo da Bahia - onde se formara em medicina e havia publicado livros, sendo dois de poesia - o poeta Segundo Wanderley. De tradicional família potiguar, com raízes em Pernambuco, e sólidas ramificações em Açú, onde passara a infância, não encontrou o recém-chegado qualquer dificuldade em se tornar centro das atenções literárias da pequena capital. Ainda mais que esta, não estava familiarizada, até então, com a idéia de autores publicando livros, porque livros praticamente não existiam editados por aqui. Já o poeta chega aureolado com obras impressas.<sup>17</sup>

16. O registro de publicações culturais, sobretudo na Capital, é extenso. Para um estudo mais demorado sugerimos a seguir alguns dos mais importantes, mencionadas nesse livro cuja pesquisa é concluída em 1908, além de outros periódicos que se sucederam, na divulgação de tópicos da literatura do Rio Grande do Norte: 1861 - O Recreio (chegando a 25 números, segundo Cascudo). 1894-1904 - Oásis (pertencente ao Grêmio Literário "Le Monde Marche"). 1897-1904 - A Tribuna (pertencente à associação cultural Congresso Literário). 1898-1900 - Revista (pertencente ao Centro Polimático). 1902 em diante - Revista (do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte). 1910-1911 - Potiguar (da Oficina Literária Lourival Açucena). 1914-1915 - Via Láctea (publicação feminina). 1928-1929 - Cigarra (revista de assuntos mundanos e literários - 5 números). 1949-1951 - Bando (chegando a 19 números). 1951 em diante - Revista (da Academia Norte-riograndense de Letras). 1959 - Cactus - apenas 3 números, em 2 volumes.

17. Curiosamente Rômulo Wanderley não considerou no seu *Panorama da Poesia Norte-riograndense* os livros da Bahia, (*Estrelas Cadentes e Miragens e Prismas*) relacionados por Ezequiel Wanderley em *Poetas do Rio Grande do Norte* e Câmara Cascudo no postácio das *Poesias*. Assis Brasil, em antologia recente, (v. Bib.) repetiu a omissão.

18 São impressionantes os registros anotados por M. Rodrigues de Melo na Revista da Academia Norteno-grandense de Letras (nº 6, do ano de 1960), alguns dos quais transcrevemos no ensaio "Marinho versus Segundo" no jornal "O Galo". Quase todos foram publicados inicialmente na revista Oásis, onde a admiração pelo poeta traduz-se pelo uso exagerado de adjetivação elogiosa. Com um entusiasmo incontido outras publicações do período engrossam a caudal de homenagens, sobretudo se se trata de alguma nova peça ou no ruidoso lançamento de *Recollas Poéticas*, em 1896.

[40]

E também pela repercussão de alguns dos seus poemas, dois dos quais haviam se tornado extremamente populares mesmo fora dos limites do Estado: "O Naufrágio do Vapor Baía" e "O Poeta e a Fidalga", este último, peça obrigatória em inúmeros saraus do período por todo o país, conforme registram comentadores da sua obra.

Com base em todos esses predicados "Dr. Segundo" como o chamavam, respeitosamente, logo se torna o centro da atividade literária. E mesmo com o retorno de Fortaleza do também poeta Henrique Castriciano e a regular publicação, na imprensa, dos versos de poetisas de talento como Auta de Souza e Ana Lima, continuará sendo o poeta mais festejado. Generoso e certamente seguro da admiração que despertava, ele espalha seus versos pelas publicações que acolhiam colaborações literárias. Torna-se nome obrigatório nas diretorias das associações culturais então existentes. Sua presença, por outro lado, enchia de orgulho os participantes dos encontros e espetáculos que fazia encenar e nas solenidades cívicas ou nas reuniões em Palácio. E toda notícia a respeito da sua produção poética ou dramática, tem o toque do respeito, da reverente admiração.<sup>18</sup>

Poeta com evidente domínio de todas as questões relativas à métrica, a rima ou simplesmente ao ritmo dos versos que compõe, torna-se por um momento uma espécie de unanimidade na capital. E este reconhecimento inclui sua atuação como professor do velho Atheneu e a condição de médico, tendo chegado mesmo a ocupar o cargo de Inspetor da Higiene Pública, já próximo a falecer. E, de modo especial, por suas não poucas incursões no campo da dramaturgia.

Mas, em relação à sua produção teatral e poética, uma voz ousará levantar-se: a de um atrevido intelectual, um quase menino, chamado Antonio Marinho que, como ele, escrevia e publicava regularmente nas páginas de *A Tribuna*. E por que nadaria ele contra a caudalosa corrente de admiradores de Segundo? Porque aponta no seu teatro uma tendência clara à concessão ao gosto popular, escrevendo peças nas quais utilizava recursos típicos do dramalhão (exagero de sentimentos, soluções cênicas fáceis, um claro anacronismo de uma dicção romântica em dramas que beiravam a inverossimilhança diante das transformações na sociedade) e, em sua poesia, o exagero típico dos seguidores do condoreirismo castroalvino: o excesso de engajamento, embotando a criação e mesmo o senso crítico. Segundo Wanderley, na verdade, jamais fizera segredo de sua

incondicional admiração pelo poeta baiano Castro Alves. E se sentia como que obrigado a canalizar todo o seu potencial lírico para temáticas idênticas às que aquele trabalhara (além do Abolicionismo/ Republicanismo, versos tradicionalmente dedicados a figurões da política, a atrizes que visitavam a cidade, etc.). E o fez de modo tão veemente, que não se apercebeu dos exageros cometidos pelos poetas dessa escola, no uso de certos clichês, tendo no vôo do condor a metáfora do ideal mais alto, da glória, da grandeza, justificando o reiterado uso de figuras de linguagem caracterizadas pelo exagero.

19. Posfácio constante da edição de suas *Poesias* (Natal, Tip. Galhardo, 1955 - 3ª Ed.) Pp. VII

### Obra polêmica

Ainda assim, a obra desse poeta, tanto a lírica, quanto os textos em prosa, fortemente influenciados também por outro ídolo do período romântico, o poeta francês Victor Hugo, tinha repercussão espetacular em Natal. E mesmo se confirmando o vaticínio de Antonio Marinho de que o seu teatro não resistiria ao tempo, várias das suas peças foram encenadas com sucesso obtendo, como era praxe, idêntico entusiasmo na imprensa. Além disto, Segundo estava sempre pronto a invocar a inspiração (as "musas louras", como ele chamou em soneto famoso) para brindar a sociedade natalense com um novo poema. Argutos observadores deste aspecto, os governantes de então não o deixavam em paz e ele, por sua vez, revelou espantosa disponibilidade para responder, em versos, aos apelos cívicos do grupo que assume o poder com Pedro Velho.

Câmara Cascudo observa no volume em que foi reeditada uma seleção das suas poesias:

*Toda vez que era preciso emocionar o público, embarque de tropas, aniversário de efeméride, centenário de herói, exigia-se um poema de Segundo e obrigavam-no a vir dizer ao povo aquela série de imagens que encantavam na melodia rítmica, no vocabulário fácil e grandiloquo, empolgador e entusiasta.<sup>19</sup>*

Estes aspectos ressaltam concretamente na leitura de poemas seus, alguns transcritos na antologia constante deste volume. Mas, embora reconhecendo tal distorção, que acabaria marcando negativamente a trajetória desse poeta, (e também o talento do seu mais veemente crítico) é preciso dizer que a inspiração de Segundo Wanderley ultrapassava a mera subserviência ao Romantismo. Assim é que será

possível justificar em sua produção poemas como "Implacável", claro experimento de feição simbolista, onde o uso da aliteração chega a ser espantoso, ou "Amor Esdrúxulo" ('Por que me lanças esta luz maléfica/Sê mais benéfica, dá-me olhar mais plácido'), de acento humorístico, onde o autor dá uma demonstração de técnica apurada, seja no uso das rimas em proparoxítonas, seja nas rimas internas, ou ainda, na surpreendente simplicidade de "Desengano", ('Não vês aquela branca e pura vela/Que se perde na curva do oceano') poema onde Segundo, como Ferreira Itajubá faria a seguir com o belo "A Jangada", considera a transitoriedade da existência utilizando-se, para tanto, de metáforas... marinhas, levando o leitor a belas reflexões.

### CASTRICIANOS: LITERATURA, PODER & MORTE

142]

O projeto político que resultou na República e na oligarquia Albuquerque Maranhão, incluía, como já foi dito, outra família: os Castriciano de Souza, de Macaíba, de onde, de certo modo, provinham também Pedro Velho e seus irmãos, alguns mesmo, como Alberto Maranhão, tendo nascido naquela cidade. Governador do novo sistema pelo qual tanto se bateu, tão logo viu consolidada a sua posição como chefe maior, Pedro Velho convocou Eloy de Souza, levando-o mesmo a desistir do bacharelado em Direito para o qual se preparava em Pernambuco. Não lhe deve ter custado muito a opção de retornar, uma vez que passou de imediato à condição de privilegiado interlocutor do líder republicano, tornando-se, em pouco tempo um dos mais importantes políticos dentro do sistema. Mas, a família de que é primogênito, tem sua trajetória marcada pela glória e pelo drama da morte que ronda seus membros numa ciranda aparentemente incessante. Num período relativamente curto, como anotou Câmara Cascudo, avós, (menos a materna, a legendária Dindinha) pais, um irmão desaparecem. Do Recife, onde moraram algum tempo, são forçados a retornar, pois a tuberculose se instala nos pulmões de Auta, que também falecerá antes dos vinte e cinco anos e deixará igualmente marcas profundas em Henrique. Eis um fado que a família é forçada a enfrentar na passagem do século.

Henrique Castriciano publica o seu primeiro livro, **Irições**, (que viria a renegar ferozmente depois, segundo o mesmo Câmara Cascudo) antes de completar os vinte anos. Em 1898 ele se encontra em Fortaleza, estudando Direito, quando sai **Ruínas**, prefaciado por um colega

importante: o intelectual paraibano Rodrigues de Carvalho. É um livro típico de romântico, ao qual não falta, sequer, a alusão explícita à doença, feita pelo prefaciador. Mas, em alguns poemas já se percebe a presença de quem não confia apenas na inspiração e, ao contrário, busca na leitura da filosofia, e da ciência, de um modo geral, novos elementos para o enriquecimento da sua poesia. Segue-se, já em Natal, um trabalho de importância menor, **Mãe**, e, apenas em 1903 ele irá publicar o seu último e melhor livro de poesias: **Vibrações**.

20. Cascudo, Luis da Câmara  
- *Nosso Amigo Castriciano*  
(Recife, Imprensa Universitária,  
1965 - p. 59)

Desde o seu retorno da capital cearense, como sempre às voltas com a doença, e preocupado com a sua formação acadêmica, que acabará por concluir no Rio de Janeiro, passa a desenvolver intensa atividade intelectual, ocupando também cargos políticos no Rio Grande do Norte. Bastante ligado ao Governador Alberto Maranhão, ele atua, discreto e eficientíssimo, em todas as iniciativas culturais do período. Assim, não é difícil vê-lo como responsável pela primeira lei de incentivo à produção intelectual de que se tem conhecimento na República:

*(...) Secretário do Governo, assumindo em março de 1900, Henrique prestou ao Rio Grande do Norte um dos mais profundos, permanentes e animadores auxílios possíveis no domínio administrativo nacional. Convenceu o governador Alberto Maranhão da necessidade do Governo mandar imprimir, constituindo prêmio, os livros de ciência ou literatura produzidos por filhos domiciliários do Rio Grande do Norte, ou naturais de outros Estados, quando neste tenham fixa e definitivamente a sua residência.<sup>20</sup>*

Tendo a exata noção de que poderia tirar partido de uma atividade híbrida (de animador cultural e prócer político), Henrique Castriciano resgatou do esquecimento o nome de Lourival Açucena, com os artigos que escreveu em *A República*; divulgou com entusiasmo o de Nísia Floresta, sobre quem pretendeu escrever uma biografia (o que seria realizado muitos anos depois, com o seu estímulo, por Aduino da Câmara); chamou a atenção para Ferreira Itajubá, quando a elite intelectual do Estado o evitava, e incentivou com palavras, empréstimo de livros, orientação de leitura e prefácios, inúmeros autores novos, entre os quais Antônio Marinho, Juvenal Antunes,

21. Fragmento de  
"Tuberculosa" in *Ruínas*  
(Fortaleza, Typ Universal,  
1899 - p. 66)

Othoniel Menezes, o próprio Luís da Câmara Cascudo. E além disto, valorizou a arte popular, criou e estimulou a atividade de associações culturais e cívicas. Já na maturidade, após conhecer uma experiência pedagógica suíça, ele, que tinha especial afeto pela figura da mulher, dedicou-se à Liga do Ensino, núcleo fundador da Escola Doméstica de Natal.

### Inspiração e Rigor

Talvez a característica mais forte desse poeta, seja o fato de que, tendo sido ele o mais culto dentre os de sua geração, revelou talento e humildade suficientes para seguir se atualizando dentro do que propunham as escolas literárias no período em que publicou seus livros. Leitor de filosofia, dela também são visíveis as marcas nessa poesia, onde, angustiado pela tuberculose aterradora impreca contra os deuses, buscando compreender a razão do sofrimento humano, estado de espírito que lhe era familiar, em razão das doenças e mortes dos entes queridos:

[44]

(...)

*Dizem que o Deus, que mora nas Esferas,  
É quem dá Luz e Sol às Primaveras,  
Enchendo o Espaço de azulados brilhos...*

*Não sei, apenas sei que planta goivos  
No coração dos desgraçados noivos,  
E, como a cascavel, devora os filhos!*<sup>21</sup>

Em *Vibrações*, como um cético a curtir esse mesmo sofrimento, com uma pitada de cinismo, postura adotada certamente a partir da leitura de filósofos como Nietzsche e Schopenhauer, ele discorre amarga e ironicamente sobre a existência já no primeiro quarteto do soneto "Nada":

*Quanto mais soffro mais descreio. Agora  
Cheguei ao céu da Dúvida Suprema,  
E é a existência, para mim, a algema  
Que rouba o condenado à luz da aurora.*<sup>22</sup>

22. O livro foi publicado  
pela Empresa da Gazeta do  
Comércio, em 1903, em Natal.  
O soneto aludido está na  
página 171.

Com o passar do tempo aquele moço que tivera publicado em *A República*, em 1898, com a correspondente repercussão, um longo poema parnasiano chamado "A Estátua", evolui até chegar a produzir poesia simbolista no nível da melhor que realizavam os seguidores desta escola como se pode muito bem ver nos três versos que se seguem, onde misturam-se cientificismo, sentimento decadentista e sombria musicalidade dos vocábulos:

*Matéria e Protoplasma, Infusório e Protista,  
Corvo que desce à lama, Águia que eleva a vista,  
Mocho que odeia o Céu, Pomba que adora a luz*<sup>23</sup>

É impossível não enxergar nesse terceto, do soneto "Espírito e Matéria", elementos presentes em certo decadentismo simbolista e em poetas como Cruz e Souza. Inevitável também pensar em Augusto dos Anjos, poeta a quem Henrique precede e cujo livro **Eu** seria publicado em 1912. Pena é que, após **Vibrações**, o poeta potiguar não tenha voltado a publicar livros de poesia, o que possivelmente decorreu da sua múltipla atividade, como político, animador cultural e educador. Ou por desencanto, já que o quadro político, com o progressivo desgaste da oligarquia começava a se tornar desfavorável a ele. Sua vida intelectual também o revelara um excelente escritor de textos jornalísticos e até o estimulara a ensaiar-se como romancista, com duas experiências: o fragmento de *O Tísico*, publicado em *A Tribuna*, em 1902 e os capítulos de *Os Mortos*, na Revista do Centro Polimático (novembro e julho de 1922). Não se pode falar com entusiasmo dessas amostras. Curiosamente, ele também foi mordido pela mosca azul da dramaturgia, chegando a escrever uma *Cena dramática* em versos, com o nome de *Suprema Dor*, além de ter encenadas: *O Enjeitado*, em 1900 (que segundo Câmara Cascudo perdeu-se, por não haver sido impressa e que causou forte admiração em Rodrigues de Carvalho, por seu escabroso naturalismo), além de uma outra pequena experiência, "A Promessa", justamente na inauguração do Theatro Carlos Gomes, em 1904. Do elenco desta última que, dramaticamente falando, não passaria do título, de tão infeliz, participaria Palmira Wanderley. Uma excelente iniciativa do pesquisador José Geraldo de Albuquerque, que resultou na publicação de dois volumes com a produção de Henrique Castriciano recolhida, principalmente em jornais

24. Muricy, Andrade -  
**Panorama do Movimento  
Simbolista Brasileiro** - SP,  
Editora Perspectiva, 1987 -  
3ª Edição (Pp. 641/645)

(v. Bibliografia) pode dar ao leitor uma boa idéia do que dizemos. De toda maneira, seus versos continuarão sendo marco em nossa literatura e, da sua importância deu conta o crítico Andrade Muricy que, ao publicar em 1952 a mais importante antologia da poesia simbolista brasileira, **Panorama do Movimento Simbolista no Brasil**, incluiu vários poemas seus. É o único potiguar naquele elenco.<sup>24</sup>

#### **Auta, de vida breve**

Única irmã dos Castriciano, Auta de Souza, é um veemente exemplo de como o talento e a força de vontade superam dificuldades aparentemente insanáveis. Mulher, pele escura e desprovida de beleza física, nenhum dos três predicados contariam a seu favor na sociedade da época. Além desses fatores havia, ainda, a aterradora presença da morte dizimando parte da família e culminando com o fato de que, ela própria, contraía a tuberculose na adolescência. Nada disso, entretanto, a impediu de, desenvolvendo o seu potencial criativo desde o colégio de freiras em que estudara em Recife, tornar-se, com o seu único livro, **Horto**, publicado em 1900, a mais amada poetisa do Estado. Nunca é demais assinalar a importância da família, definitivamente ligada aos detentores do Poder. Porém, é forçoso repetir que só o talento e a obstinada perseverança de Auta justificam a fama de que seu nome ainda desfruta em nossa literatura.<sup>25</sup>

Os seus biógrafos, entre os quais o mais importante é, claro, o sempre providencial Luís da Câmara Cascudo<sup>26</sup> não a descrevem amarga. Ao contrário, nos revelam uma moça alegre e com boa disposição quando superava as crises e, também, com muitas amigas. E até um amor que não chegou a se consolidar, o que, de certo modo conflita com a natureza do livro em que reuniu a sua poesia. Mas, o fato é que, acometida de tuberculose, também ela como Henrique viveu a busca ansiosa de cura, também ela padeceu uma seqüência quase interminável de dolorosas crises. Mas, diferente do irmão, que morreu septuagenário, Auta faleceu antes dos 25 anos. E apesar disto, enquanto lhe foi dado viver, desenvolveu uma atividade bastante fértil, escrevendo e fazendo publicar em vários jornais da cidade e mesmo em alguns fora do Estado, os seus poemas cheios de talento e tristeza. Assim, reuniu em torno de sua frágil presença os sentimentos de admiração e lamento da sociedade provinciana. E viveu seus últimos anos de vida como centro das atenções da elite culta e também do

25. Certamente nenhum outro autor do Rio Grande do Norte mereceu uma fortuna crítica semelhante à de Auta de Souza. Sobre a sua obra pronunciaram-se, sem contar os intelectuais do Estado, autores como Tristão de Athayde, Otto Maria Carpeaux, Nestor Vitor, Jackson de Figueiredo, Celso Pedro Luft, Tasso da Silveira e outros.

[46]

26. É curioso observar que apenas um dos três irmãos Castriciano de Souza não foi biografado por Cascudo: o político Eloy. Quanto ao livro em que ele, Cascudo, resgatou a figura dessa poetisa chama-se **Vida Breve de Auta de Souza** (Natal, Imprensa Oficial, 1961)

povo, que cantava modinhas e até letras de poemas seus transformados em hinos religiosos. Entre os mais fervorosos admiradores destacavam-se os principais da oligarquia, os irmãos Alberto Maranhão e Pedro Velho, que fizeram, aliás, questão de testemunhar tal admiração em momentos distintos. O primeiro, sob pseudônimo, num interessante registro de aniversário, pelas páginas de *A Tribuna*, onde demonstra reverente postura diante do seu talento. O segundo quando, contristado, beijou-lhe a testa na cerimônia fúnebre que comoveu a cidade, conforme anotou o cronista Cascudo.<sup>27</sup>

### Obra Prima, quase

A obra de Auta de Souza resume-se a um único livro, (que se chamaria inicialmente "Dhalias") e, neste, existe um motivo principal: a morte, cuja perspectiva apavorante é atenuada por uma funda religiosidade. Não pode parecer estranha a escolha dessa amarga temática, se levamos em conta a tristeza da sua alma sensível diante da inexorabilidade da doença anunciadora do fim de tantos jovens artistas românticos e que atingira tão fortemente a sua família. Aliada a um grande sentimento de religiosidade (note-se que a escolha do título definitivo, **Horto**, remete para o momento em que, às vésperas de ser condenado, Jesus vive um momento de extrema solidão), sua poesia atinge momentos de verdadeiro esplendor, dentro da produção do período, revelando-se, simultaneamente simples e profunda, seja pela elegância, suavidade do seu estilo (escolha das palavras, musicalidade do verso, beleza das imagens), seja pelo sentido de angústia existencial e busca do amparo religioso como podemos observar em versos nos que se seguem:

*Na dor sem termo pela negra estrada  
Vou caminhando, a sós, desatinada,  
- Ai! pobre cega sem amparo ou guia -*

*Sê tu a mão que me conduza ao porto.  
Ó doce mãe da luz e do conforto,  
Ilumina o terror desta agonia!*

É possível ver nos tercetos de "Regina Martyrium", um dos mais belos sonetos de **Horto**<sup>28</sup> como que uma síntese da religiosida-

27. O registro de Alberto Maranhão, pequena nota, assinada apenas com as iniciais Z.A., (que vem a ser Zeferino Arruda, pseudônimo) está na edição de 12 de setembro de 1899.

A propósito da homenagem póstuma do primeiro Governador da República, Câmara Cascudo comentou, em "Acta Diurna" publicada em *A República*, de 1º de junho de 1941 (transcrita in **O Livro das Velhas Figuras**, vol. 3 - Natal, IHGRN - 1977, p. 46): "Um episódio ficou na memória popular Pedro Velho aproximara-se do caixão, cheio de lírios e rosas, baixara a cabeça imponente para beijar a face morta da poetisa."

28. Utilizamo-nos da 4ª Edição, a publicada pela FJA, em 1970.

O soneto está na página 212. As edições desta obra são as seguintes: 1ª, com o famoso (e dispensável, segundo Cascudo) Prefácio de Bilac, e Noiva, à moda de postácio, de Henrique Castriciano, pelo Grémio Polimático, em Natal, 1900.

A segunda, em Paris, com ilustrações de D. O. Widhopff, pelos editores Aillaud, Alves & Cia, em 1911. A terceira, em 1936, pela Typ. Baptista de Souza, RJ, com mais um prefácio, desta feita relevante, de Alceu (Tristão de Athayde) de Amoroso Lima.

29. No longo verbete incluído no seu *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira* (Porto Alegre, Editora Globo, 1979), diz Luft: "Tem-se classificado *Auta de Souza* como poeta simbolista, fato que não se justifica esteticamente, e sim talvez em razão da cronologia, ou da atenção que despertou aos críticos do Simbolismo e aos espiritualistas. É pela temática e ressonância místico-religiosa que ela se aproxima e liga àquela escola, e não pelos aspectos formais e técnicos." (p. 360)

[48]

30. Esse é outro autor sobre o qual razoavelmente se escreveu no Rio Grande do Norte e até fora das nossas fronteiras (interesse registrado em crônicas de Mário de Andrade, correspondência de Manuel Bandeira, entre outros). Entre outros que se esforçaram por estudá-lo criticamente estão Francisco das Chagas Pereira, Esmeraldo Siqueira, na "Introdução" à reedição das *Poesias Completas*, pela EJA e as abordagens biográficas *Retrato de Ferreira Itajubá* (Natal, Edição Surto, 1944) de José Bezerra Gomes, e *Itajubá Esquecido* de Nilson Patriota (Natal, EJA, 1981) onde o autor, admirador mais que confesso do biografado, lamenta-se, reiteradamente de o mesmo não haver nascido em sua bela terra natal, Touros.

de que marcou igualmente a vida da poetisa macaibense, apontando para a consolação da mãe divina, último alento para aquela que está sofrendo "o terror desta agonia", isto é: consciente de que não há como reagir ao poder devastador dessa doença - a tuberculose - ainda sem cura no final do século passado.

Essa amarga associação acabou criando uma discordância entre críticos que se debruçaram sobre a sua obra. Por um lado há os que a consideram simbolista, justamente pela ênfase a esse sentimento de religiosidade, além do uso de elementos que sempre foram reconhecidos como característicos dessa escola (uso reiterado de palavras que remetem para a cor branca, letras maiúsculas iniciando certas palavras, etc.), enquanto que, os que a vêem como romântica, encontram nos seus versos o desprendimento, a simplicidade, a melancolia que são alguns dos elementos tipificadores desta última escola. O fato é que não há necessidade de discordar. Pois se as duas escolas têm convergências - e a morte como motivo poético é certamente a mais forte - melhor será considerá-la romântica com acentuada tendência simbolista, tal como assinalaram Câmara Cascudo e Celso Pedro Luft.<sup>29</sup> Discordâncias não há, é quanto à extraordinária qualidade da sua poesia. Não se conhecem na Literatura Potiguar versos mais carregados da dolorosa consciência da fragilidade humana. A recorrência ao amparo da religião dá-se como um lamento de uma débil existência. Aliás, romanticamente, *Auta de Souza* tem na infância um contraponto de alegria. E, ao falar dessa espécie de paraíso da existência, ela tem sempre uma palavra tema, imagens cheias de bondade. Porém, mesmo aí, um amargo sentimento de dor se revela, no terror com que descreve criancinhas mortas. Apenas um reparo poderia ser feito quanto a **Horto**, em favor mesmo do indiscutível talento da sua autora: a inclusão no livro, de poemas - sobretudo os ditos de circunstância - de qualidade bastante inferior à maioria dos que produziu, alguns, verdadeiras obras-primas, em qualquer Literatura.

#### O POVO NO PODER... POÉTICO

Durante muito tempo existiu uma polêmica em torno do local do nascimento de Ferreira Itajubá.<sup>30</sup> Das ribeiras do Potengi, em Natal, até o município de Touros, no litoral norte, local muito amado, (onde chegou a conhecer uma mulher que acabaria por se tornar um mito amoroso), vários

lugares foram sugeridos como tendo sido o seu berço. Hoje, aceita-se sem grandes discussões que ele nasceu em Natal. E aqui cresceu e viveu sua vida tumultuária, de poeta de origem humilde, que não conhecia limites de classe social para manifestar sua inteligência e talento. A elite pensante chegou a evitá-lo, sob a alegação de que era extravagante em seu comportamento de boêmio, deixando-se aqui e ali envolver em pequenas confusões, tal como enfatizou Câmara Cascudo em *Alma Patrícia*.<sup>31</sup> Carnavalesco assumido e orador sempre disposto a pedir a palavra em solenidades oficiais, o poeta não era decerto um tímido. Além do que tinha um natural pendor para a agitação, participando de manifestações que faziam repercutir por aqui os ecos da movimentação operária da Europa, segundo seu biógrafo José Bezerra Gomes. E ainda lhe sobrava tempo para demonstrações públicas do seu talento como poeta. E nestas, ele se destacou como poucos no Rio Grande do Norte. Sempre na companhia do amigo, o também poeta Gothardo Neto, nas infundáveis jornadas de pastoris, em noitadas boêmias ou, então, em belos poemas manuscritos, onde o nível gramatical nem sempre correspondia ao da inspiração poética, verdadeiramente comovente.

Desde Auta de Souza, que desaparecera no início do século, e de Segundo Wanderley, cujo impacto do condoreirismo diminuiria gradativamente a partir das críticas de Antonio Marinho, a poesia do Rio Grande do Norte não conheceu produção que despertasse tanto interesse e entusiasmo. E nem adiantava que restrições fossem feitas quanto ao seu comportamento. Sua poesia foi rompendo os diques da conveniência, e se impondo, de tal maneira, que Henrique Castriciano, a quem chegou a mostrar poemas ainda no original, chamou a atenção, pelas páginas de *A República*, para a importância da sua inspiração, de natureza meio primitiva, de versos claros como um dia de verão e também tristes como um drama verdadeiramente romântico. E Itajubá não demoraria a ocupar lugar de destaque nas primeiras páginas dos jornais da capital.<sup>32</sup>

Mesmo assim, o destino romântico acabou lhe armando outras ciladas. Uma, especialmente trágica: a doença que o colheu em pleno surto criativo, e que o obrigou a fazer duas cirurgias – uma em Natal, outra no Rio, onde veio a falecer. E, da mesma maneira que o seu nascimento teve a incerteza da localização, o seu desaparecimento teve a circunstância da obscuridade. São pontos que, ao que parece,

31. Em seu livro de estréia, Câmara Cascudo explicava: "O principal fator de descrédito de Itajubá foi ele próprio. Freqüentador de lugares estranhos, de vielas escuras, habituê de bailes terminados à pancadaria, emérito sereneiro, tendo mais inimigos do que cabelos na cabeça, vivendo sempre emaranhado em desconfianças e farias, como levar-se o homem destes, rude e simples, às salas, aos clubs?"

32. A maneira como tradicionalmente se descreve Itajubá sugere um certo exagero, dando-se à sua marginalidade uma dimensão talvez hipertrofiada. Pesquisando sobre a sua figura, pudemos constatar que, apenas dois meses após o artigo em que o poeta de *Vibrações* chama a atenção para a sua poesia, (v. Henrique Castriciano – Seleta – Org. José Geraldo Albuquerque [vol. 2, p. 188/190] já ele é saudado entusiasticamente [julho de 1908] pelas páginas de *A República* por um cidadão de nome Afonso Duarte Barros [Jornalista? Poeta? Simples leitor?]. O registro é curioso. Após referir-se à "loucura" que caracteriza certos procedimentos criativos, estabelece um rápido paralelo entre as duplas Segundo/Castriciano – Itajubá/Gothardo Neto e até lhe transcreve um soneto. Itajubá passa a publicar de modo sistemático, nos dois anos que se seguem, por vezes até com o destaque do canto alto, à direita, da primeira página do principal jornal da Capital. Mais ainda: no aniversário de Alberto Maranhão, (v. *A República*, de 03 de outubro de 1911) em meio aos discursos (um dos quais proferido pelo jovem Othoniel Menezes), quem é que declama, em palácio, um soneto de tom épico, que mais parece provir da inspiração de Segundo Wanderley? O sr. Ferreira Itajubá, como informa respeitosamente o jornal.

33. Em *Nosso Amigo Castriciano* (cit.) Câmara Cascudo informa que o poeta de "A Estátua" fez com que os ossos de Itajubá fossem trasladados para Natal. Enquanto aguardava a construção de um túmulo, manteve em sua biblioteca a pequena urna, que logo passou a incomodar um serviçal. Castriciano solicitou, então, ao vigário da Igreja de Bom Jesus, na Ribeira, a guarda dos mesmos. Logo o templo entra em reforma, tomando tal vigário a iniciativa de remover, para a vala comum que teria sido aberta no cemitério do Alecrim, todo o ossuário ali existente. Os restos mortais de Itajubá estariam, assim, literalmente misturados ao da sua gente, retornados à terra natal tão amada...

[50]

34. Informa entre outras coisas: "(...) nos bancos escolares do professor Joaquim Lounival Soares da Câmara [que outro não é senão o Professor Panqueca, filho do poeta Açucena] compus os meus primeiros versos que intitulei de *Novas Canções*. (...) entregava-me ao exercício da palavra rimada do que resultou a coleção de versos magoados que denominei de *Harmonias do Norte* que ainda se conserva no bojo da pasta pejada de lucubrações inéditas [aqui, vale a pena lembrar que houve quem atribuisse este título a uma escolha pessoal de Castriciano, quando da organização das *Poesias Completas*, em 1927]". E, por último a informação de que aos 22 anos começara a escrever *Terra Natal*. "(...) em cujas páginas repassadas de mágoa e saudade, falei das lendas e tradições potiguares, dos amores e desgostos de Branca, a inditosa lavandisca das praias salgadas."

continuarão a perseguir os pesquisadores e para os quais, infelizmente, não encontramos resposta ainda neste momento: por que, por exemplo, já conhecido e reconhecido na capital, ele viaja anonimamente ao Rio, operando-se como indigente num hospital carioca? Onde estariam sepultadas as suas cinzas? Ao que se sabe, o sempre diligente Henrique Castriciano fez trasladar seus restos mortais do Rio para Natal, entregando a urna que os continha a um padre da Igreja de Bom Jesus, na Ribeira, que, por sua vez, a teria sepultado, juntamente com outras, numa vala comum, no cemitério do Alecrim.<sup>33</sup>

Num poema denominado "Um Marujo Parte", que estranhamente não consta da reedição das suas poesias, pela Fundação José Augusto, em 1965 e que fizemos questão de incluir na antologia, ao final desse volume, Itajubá cantou, numa espécie de alegoria da sua própria existência:

*Adeus areias em que andei na infância  
Brisas das horas em que o sol não arde,  
Moitas das dunas de sutil fragrância,  
Lagoas brancas, bemtevis da tarde*

Eis aí o cenário e a temática quase que exclusivos da sua poesia. A natureza tropical, como uma paisagem descrita do ponto de vista de quem se encontra num barco em movimento e ele, infeliz no amor, a se despedir do lugar amado. A reunião desses elementos nos mostra Itajubá, não apenas como o nosso poeta mais querido, mas dos poucos que correspondem de fato a uma postura de escola, pois mesmo que anacronicamente, (uma vez que o romantismo, como sabemos, já se havia esgotado antes de encerrar-se o século anterior), foi romântico até em sua existência pessoal.

#### Lírica descomplicada

Ferreira Itajubá não teve livro publicado em vida. Embora houvesse produzido o suficiente para mais de um volume (e até falasse de originais que já estariam, possivelmente prontos, como diz a *A Capital*, de 06 de março de 1910, em entrevista bastante curiosa)<sup>34</sup> parte da sua obra ficou dispersa em jornais ou manuscrita em velhos cadernos escolares, hoje desaparecidos. O pesquisador Cláudio Galvão,

fascinado pelo poeta e sua obra, tem empreendido um feliz trabalho de resgate, a esse respeito, chegando a publicar um volume intitulado **Gracioso Ramalhete**, (v. Bibliog.) contendo as poesias que, juntamente com Gothardo Neto (e com o insólito pseudônimo de Stella Romariz) Itajubá publicara no jornal *O Torpedo*.

Morto o poeta, em 1912, dois anos depois sai, em forma de livro o longo e belo poema **Terra Natal**. Em 1927, publica-se aquela que seria considerada a edição das suas **Poesias Completas**, reunindo-se ao anterior os versos de **Harmonias do Norte**. A última edição é, como já ficou dito, da FJA e circulou em 1965, infelizmente contendo erros que precisam ser revistos. Em todas, estão versos que embalaram as noites da cidadezinha, que o povo repetia em modinhas langorosas:

*Adeus. Vão-se acabar as noites claras,  
As trovas ao violão pelos telheiros,  
- Planta das minhas últimas searas,  
- Corpo dos meus pecados derradeiros*

[51]

Toda a sua poesia tem o acento de partida, e a inevitável melancolia de um romântico compulsivo, tal como vamos encontrar nessa quadra do belo "De Natal ao Pará". Ai ressalta o seu motivo principal que é a figura do exilado e seus sofreres, emblemática da escola romântica e que o poeta acentuou em inúmeros poemas, chegando mesmo a se auto-classificar em "No Campo Santo", por ocasião da morte de Lourival Açucena, como um "pobre cantor das crenças exiladas". A infelicidade do exílio, aliás, já era tema do longo poema que o consagrou: "Terra Natal" em que narra, nos trinta e quatro cantos de que se compõe, (além de um poema introdutório e uma prosa poética sobre a natureza desses litorais) o infeliz destino de um casal de jovens: Branca e o noivo que se vê forçado a partir para o Norte, como fizeram tantos nordestinos, em busca de fortuna.

A longa prosa poética que introduz o enredo de **Terra Natal**, descrevendo o cenário do nosso litoral, onde se moverão as personagens que ficam, é uma espécie de resumo de todo o ideário do movimento romântico. Nela, utilizando-se dos principais elementos da escola para descrever a natureza, Itajubá, sem necessariamente citar nomes, alude à obra de vários dos grandes es-

35. A força dos versos e da própria personalidade dessa poetisa foram objeto de bela reportagem do escritor Franklin Jorge, hoje transcrita no livro *Spleen de Natal*. (V. Bibl.) Mas, a moderna simplicidade da sua poesia, já chamava a atenção desde a sua estréia: "Palmira Wanderley realizou o milagre, como poucos no Brasil, de, escrevendo versos livres de todo aquele rigorismo antigo (le note-se: isso antes de se generalizar o movimento modernista aqui), não lhes sacrificar em nada a expressão estética que caracteriza a verdadeira poesia, seja qual for a sua forma." (O comentário, de Afonso Bezerra, publicado em "Livros e Autores" - A Tribuna, Recife, 01 de setembro de 1929 - foi incluído por M. Rodrigues de Melo em *Ensaios, Contos e Crônicas*, Rio, Pongetti, 1967).

[52]

critores do Romantismo brasileiro (Alencar, Cassimiro de Abreu, Álvares de Azevedo) o que, aliás, contradiz de certa maneira o exagero com que sempre se repetiu a informação sobre sua pretensa falta de cultura.

Em *Harmonias do Norte* encontramos alguns dos maiores momentos da sua poética. São flagrantes em que elementos do cenário tomam-se, subitamente, material para reflexão sobre a existência humana, como no belo "A Jangada"; quadros em que a cidade amada surge pintada com as tintas da emoção e a voz do mais puro lirismo, como em "Terra Mater"; ou poemas em que toda a intensidade romântica, com a inquietante constatação de que a mocidade é breve, surge, magnífica, como em "Versos de Abril" que, lido em paralelo com o torturado "Agonia do Coração" de Auta de Souza, oferece a possibilidade de uma análise riquíssima.

Itajubá viveu e poetou intensamente. E, qual um marujo que parte, porque deve partir, desapareceu, deixando, mesmo assim, a marca de uma presença lírica que, embora anacrônica, de tão forte, rompeu a pasmeira provinciana.

#### MINHA TERRA TEM PALMIRA CHEIA DE GRAÇA

Talvez o modo mais rico de se ler a poesia de Palmira Wanderley seja tomando como ponto de partida a sensualidade latente nos seus versos. Escrevendo-os, a bela sobrinha do poeta Segundo como que lhes infunde - sobretudo ao descrever frutos e flores - a energia estuante que a transformou numa das mais queridas escritoras da terra. Mas, outro aspecto que será necessário levar em conta como já assinalaram outros estudiosos da sua poética, como Diva Cunha, é a importância que a mesma representa para a consolidação do verso modernista entre nós, sobretudo nas ternas descrições que faz da sua querida cidade. Lendo-a criticamente, e considerando, claro, outros aspectos da sua rica poesia, será possível entender porque Afonso Bezerra também a considerou uma legítima precursora do Modernismo entre nós. Poeta nitidamente de transição, Palmira usou, sem reservas, do verso livre e, embora nela estejam presentes sinais de um romantismo retardatário - certamente mais próximos da poesia de Ferreira Itajubá, do que da do tio famoso - sua opção pelo novo é clara.<sup>35</sup>

Tendo estreado com **Esmeraldas**, publicado em 1918, quando completava 24 anos, não era propriamente uma desconhecida. A sua participação na vida cultural da cidade, era notável, já em encenações teatrais orientadas pelo tio dramaturgo, já em outros empreendimentos culturais como quando, juntamente com outras moças, publicou em 1914, uma revista feminina denominada *Via Láctea*, que circularia apenas um ano. A poetisa não se acomodaria com o seu desaparecimento e logo passa a colaborar com outras publicações da época, entre as quais *A República* e *A Imprensa*. O lançamento daquele seu livro consolidou, assim, uma justa notoriedade. Mesmo carregando um sobrenome famoso<sup>36</sup> e uma beleza física que causava admiração, ela criou, por seu indiscutível talento, o próprio espaço. E, sem prejuízo da admiração devotada a Auta de Souza, por exemplo, produziu obra poética absolutamente distinta.

A publicação de **Roseira Brava**, em 1929, contribuiu para aumentar sua importância no cenário poético do Rio Grande do Norte. Neste livro, que inclui vários poemas do anterior, ela, por meio de uma linguagem que, de tão simples, às vezes beira o simplório, desenvolve um discurso poético, próximo do Itajubá do poema "Terra Mater", certamente. Porém, incorporando um elemento novo, pouco explorado na poesia potiguar até então: aquela sutil sensualidade, a que já nos referimos, que se revela em belíssimas descrições da natureza, especialmente no detalhamento-anatômico que a poetisa empreende ao descrever certos frutos e flores tropicais. Não menos belos são os poemas em que fala amorosamente da sua cidade Natal, conforme anotou em interessante estudo a citada Diva Cunha.<sup>37</sup> Com sua poesia de transição Palmira Wanderley encerra, por assim dizer, esse período em que a produção literária faz eco ao refinamento intelectual da oligarquia Albuquerque Maranhão. Completa-se uma fase, particularmente rica da nossa história cultural, onde se localizam os poetas que consideramos como sendo os mais importantes desse momento precursor da moderna Literatura Potiguar.

Porém, uma tal constatação não indica que os nomes até agora relacionados representem sozinhos a poesia produzida no período. Ao contrário. Como os nossos estudos literários ainda têm

36. Com a fama avassaladora de Segundo Wanderley e o cultivo de certa tradição açuense (de onde provinham vários dos membros da família), o sobrenome acabou tornando-se uma espécie de mito, pelo hábito de associá-lo à poesia.

Na antologia de Ezequiel Wanderley, de 1922, oito poetas desta família foram incluídos. Dezesesseis, na de Rômulo Wanderley, publicada nos anos sessenta. Tal exagero, terminaria por inibir a produção daquele que entre os novos, seria certamente o maior poeta da família: Berilo Wanderley, que tendo publicado *Telhado do Sonho*, em 1956, acabou por renunciar à poesia em versos, passando à crônica, onde se consagrou.

37. Cunha, Diva - "Um Passeio em Natal pelos Olhos de Palmira", em *Mulher e Literatura no RN* (Natal, CCHLA/Nepan, 1994 - Org. Constandia Lima Duarte) Pp. 55/67.

muito a descobrir, e como o presente trabalho não pretende ser, já o dissemos, obra conclusiva sobre o assunto, convém não perder de vista alguns nomes certamente notáveis nesse período. Gothardo Neto, por exemplo. De existência torturada por um amor que não logrou realizar-se, saiu das pugnas líricas com o amigo Itajubá para um exílio voluntário, (exílio por assim dizer tragicômico) na sala de visitas da sua casa, onde, deitado em uma rede, produzia versos e mais versos, a pedidos, bebendo sem parar. **Folhas Mortas**, seu livro póstumo, contém alguns dos mais belos sonetos da poesia potiguar, como notou Veríssimo de Melo. Sebastião Fernandes, irmão de Jorge: o seu único livro, **Alma Deserta**, merece certamente ser estudado. (Dele, o citado pesquisador Cláudio Galvão resgataria importante conjunto de esparsos em jornais da capital, publicando um pequeno volume com o título **Poesia Inédita**. (V. Bibl.) Ou Murilo Aranha, certamente a nossa maior vocação de poeta parnasosimbolista, mais um dos que foram arrebatados precocemente pela morté, cujo livro **Nevroses** bem mereceria uma reedição, para que os novos estudiosos sobre ele pudessem trabalhar. Também seria interessante compulsar a obra esparsa do caicoense Abner de Brito (de que temos uma pequena amostra no livro **Do meu Reduto Provinciano**, de Esmeraldo Siqueira). Intelectual de estranha personalidade, cultura refinada e alma torturada pela bebida e pela neurastenia, como atesta o historiador João Wilson Mendes Melo, um admirado ex-aluno, revela o talento de que era possuidor no pouco que conhecemos de sua produção. Outro do período que merece atenção é Martins Vasconcelos, apodiense que Mossoró adotou e cuja obra, onde ressalta um pequeno volume por ele publicado após a morte da sua primeira esposa, significativamente intitulado **Saltério da Saudade**, contém um forte acento simbolista. Sua filha, Maria Sylvia, poetisa mossoroense, produziu trabalho de pequena dimensão, porém revelando grande potencialidade, como é possível ver no livro **Maria Sylvia – A Poetisa da Saudade**, de Francisco F. Vasconcelos (Mossoró, Tipografia "O Nordeste", 1987). Também Luiz Patriota, de belos sonetos parnasianos e seu conterrâneo Porto Filho, inspirados poetas da bela cidade litorânea de Touros. Sem falar daqueles cuja verve, ora contribuiu para a glória do reconhecimento, caso do caicoense Moysés Sesyom, ou do açuense Renato Caldas, ora para um inexplicável esquecimen-

to, como é o caso de Mariano Coelho ou Virgílio Trindade, ou ainda – o maior entre os que exploraram a vertente do humor – o cearamirinense Juvenal Antunes, sobre quem aliás, Esmeraldo Siqueira produziu um importante ensaio crítico/biográfico **Um Boémio Inolvidável**. Dele transcrevemos, na Antologia, uma pequena obra-prima: “Elogio da Preguiça”. Por último, mas, certamente não por derradeiro, Edinor Avelino, cujo único livro, **Sínteses**, só publicado na velhice, e hoje esgotado, é um bom exemplo de como um poeta, talentoso e com bom domínio do ofício, é capaz de produzir belos poemas independente de residir na capital.<sup>38</sup>

38. Nem todos os poetas mencionados estarão na Antologia. A restrição foi determinada prioritariamente por injunções editoriais. Porém, há de entender o leitor, tal como ocorre em todo processo de seleção, tivemos que fazer concessão ao nosso próprio gosto individual, realizando-a o quanto possível, de forma justa.